



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO III • Nº 7 • 2001

Francisco

Curt Lange:

descoberta que

terminou em

criação

Páginas 4 e 5



editorial

Seria o caso de se indagar se a descoberta da música colonial trouxe, para Francisco Curt Lange, alguma compensação pessoal verdadeira. Encontrados os documentos, constatada a importância daquilo que continham, o pesquisador embarcou numa grande aventura, colocando-se de corpo e alma na campanha da difusão de um patrimônio que, na sua avaliação, mereceria ser mundialmente conhecido. O tempo era pouco para os contatos que fazia. Ficaram famosas as suas cartas numeradas, que cruzavam em todos os sentidos os oceanos e chegaram a somar milhares, dando a medida e a vastidão da capacidade de trabalho de um autêntico intelectual saxão. Desejando atender a todas as solicitações e sem contar com qualquer ajuda no momento da realização de um concerto, copiava manualmente as partes que iriam compor o programa. Quando, num impulso talvez um tanto passional para salvar o que descobrira, tomou a iniciativa de transferir para o exterior o arquivo formado ao longo das suas pesquisas, viu levantar-se contra ele a indignação geral do País.

Críticos e historiadores, que até ali desvalorizavam a descoberta, mudaram radicalmente de atitude e de perspectiva. Do dia para a noite, o musicólogo foi convertido naquele que nos havia subtraído um verdadeiro tesouro. O mais grave é que esse quadro veio a influenciar os antigos possuidores de papéis, que de repente passaram a ter uma idéia um tanto equivocada, em grande medida superlativa, a respeito das músicas saídas de suas mãos. Eles se sentiram em logro, injustamente penalizados por haver ignorado o valor da mercadoria que possuíam. Esse sentimento persiste até hoje e é comum aparecerem membros de famílias que, portando manuscritos, na esperança de se compensar de presumida perda sofrida, desejam vender a preços irrealistas as cópias restadas em seu arquivo, não tendo a menor noção da verdadeira valia da descoberta do musicólogo, que foi somente de sentido cultural.

O enriquecimento proporcionado por Curt Lange aos brasileiros não pode ser avaliado em termos materiais. O benefício alcançado efetivou-se de maneira tão absoluta que o fato de os documentos pertencerem a essa ou aquela pessoa - ou se encontrarem neste ou naquele lugar - não modifica a realidade em si. Essa circunstância é que diminui ou mesmo elide o valor venal - de cópias ou não - de manuscritos que ainda aparecem. Se a coleção tivesse sido negociada com os norte-americanos, que a pretendiam, e acabasse sendo publicada fora do nosso território, nenhuma alteração resultaria daí para a história da música mineira reescrita pelo pesquisador.

Somos devedores de Curt Lange pela excepcional contribuição que nos deu. Moralmente, estamos no dever de tentar, pelo menos em parte, resgatar a sua memória da injusta campanha que durante tanto tempo contra ele sustentamos. Conta a nosso favor certa modificação de atitude ultimamente verificada. Depois que o arquivo musical passou a integrar o acervo do Museu da Inconfidência, ventos mais generosos começaram a soprar. No fim da vida, o musicólogo acabou sendo alvo de homenagens. Numerosos centros culturais do país prestaram-lhe tributos, universidades atribuíram-lhe título de doutor *honoris causa* e a Assembléia Legislativa de Minas Gerais o reconheceu como cidadão honorário do Estado. Foi sem dúvida algo que deve ter repercutido fundo na sensibilidade e no coração do homem que, inteiramente comprometido com a nossa cultura, sempre alimentou um sonho tornado impossível: morar no Brasil e aqui trabalhar.

Capa:

CURT LANGE NA CASA DO PILAR
Anexo do Museu da Inconfidência

isto é inconfidência

ANO III • Nº 7 • 2001

é uma publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais
Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@ouropreto.feop.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

Trimestral - jan/fev/mar

Projeto Gráfico

Lais Freire dos Reis

Editor

Rui Mourão

O cadinho, também chamado crisol, é vaso utilizado para fundir, calcinar ou efetuar diversas reações, podendo ser tampado ou não. Apresenta tamanho e formato variado, de acordo com sua aplicação, sendo mais usual a forma tronco de cone. Pode ser feito de argila refratária, porcelana, grafite, ferro, níquel, prata, platina, quartzo fundido e cal viva. Deve satisfazer a condições técnicas: impermeabilidade, resistência a altas temperaturas, infusível para o fim em vista, inerte e capacidade para ser utilizado o maior número possível de vezes.

Alguns autores afirmam que o nome é derivado de *cado* + *inho*. O *cado* era vaso de grandes dimensões, de uso na Grécia e em Roma, e para conservar ou transportar vinho, azeite, mel, peixe salgado e frutas secas, de 80 a 90 cm de altura. Com asas ou sem elas, podia ser feito de ouro, prata, bronze ou barro.

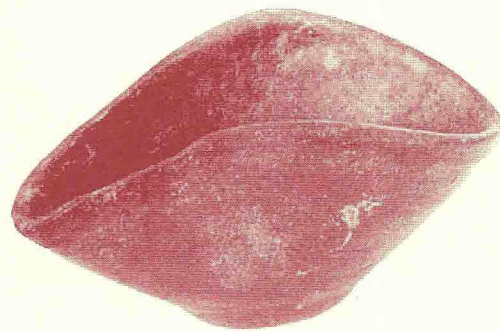
Usado no século XVIII na fundição de ouro, vinha importado da Europa. Wilhelm Ludwig von Eschwege, em *Pluto Brasiliensis*, de 1833, (Ed. Itatiaia p. 147), sobre ele escreveu:

Outrora, também os cadinhos acarretavam grandes despesas ao Estado, principalmente antes de o rei chegar ao Brasil, pois, não existindo nenhum comércio direto, o governo os comprava, em Lisboa, de modo que custavam dez vezes mais do que se fossem adquiridos diretamente. Hoje são usados os cadinhos de Ipse, que são recebidos no Rio diretamente dos vendedores boêmios, razão pela qual são adquiridos por preços muito mais baratos. Introduziu-se, ainda, nas Casas de Fundição, o econômico sistema de pulverizar os cadinhos rachados e misturar o produto com uma porção de boa argila e fabricar novos cadinhos, de duração igual à dos primeiros.

Na metalurgia do alumínio, cadinho tem a finalidade de recepção e vazão de metais. É o recipiente metalúrgico que realiza a sucção do alumínio, conduzindo-o para outra fase do processo. Geralmente é de ferro, com revestimento interno de material refratário.

Na metalurgia do ferro, o cadinho é o local do alto forno onde se deposita o metal fundido. Os mais utilizados são os de grafita, carborundum e ferro fundido ligado, este sempre recoberto por camada de esmalte protetor para o aumento da sua vida útil.

Instrumento de Fundição



COLEÇÃO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

O forno de cadinho - outra variação de sua finalidade - tem predominantemente a forma cilíndrica. Apresenta alterações nas partes, conforme a forma de aquecimento a que se destina, a carga que vai receber; a sua maneira de retirada do forno para corrida e a sua limpeza para outra fundição.

Em relação à circulação do ouro em pó, Saint-Hilaire, em *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes* 1832 (Ed. Nacional, p. 292), nos informa:

Existia antigamente em Villa Rica uma casa da moeda em que se cunhavam peças de ouro. Moedeiros falsos estabeleceram-se em algumas partes da província (...). Para obviar a esse inconveniente proibiu-se completamente o uso de moedas de ouro na província das Minas, e não foi mais permitido sinão a circulação de ouro em pó. Quando se comprava alguma coisa pesava-se a quantidade de ouro necessária para pagar o valor; e o viajante via-se obrigado a trazer sempre consigo balanças portateis.

Com a proibição da circulação do ouro em pó, somente taberneiros tinham permissão para recebê-lo em pagamento até a importância de 4 oitavas. Em quantias maiores, o produto extrativo, levado à Intendência do Ouro, era subtraído da quinta parte que cabia à Coroa, para, depois de fundido em barras, ser devolvido ao proprietário.

CARMEM SILVIA LEMOS • HISTORIADORA

AGENDA

ACONTECEU

OURO PRETO, CARNAVAL

Exposição de máscaras em couro, Janaína Evangelista, com mostra de filmes sobre Carnaval.
De 20 a 24 de fevereiro de 2001.

ACONTECERÁ

MOSTRA MULHER Vídeo no anexo

Exibição de filmes e documentários sobre a atuação da mulher na vida política, social, cultural e profissional. Palestras sobre o mesmo tema, a serem ministradas por mulheres de destaque na sociedade ouropretana.
Dias: 21, 22, 23, 28, 29, 30 de março.

PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DISTRITAL Projeto mensal

Abril, de 17 a 27 - período integral.
Exposição, oficinas e mostra de filmes sobre a Região dos Inconfidentes.

Em 1922, um jovem alemão nascido na Prússia, fugindo da devastação do pós-guerra em sua terra, veio buscar alento no Novo Mundo, fixando-se no Uruguai, onde constituiria família. Arquiteto com doutoramento em musicologia, para a pesquisa musical ele se voltaria inteiro. Impressionado com a originalidade sonora do continente, não escondeu certa insatisfação ao perceber a falta de domínio técnico, que por aqui só premiava os Estados Unidos e o Canadá. Numa providência de socorro, criaria o movimento do Americanismo Musical, planejando promover a melhoria do todo através do intercâmbio de experiências, e lançou o *Boletim Latino-americano de Música*, órgão de divulgação, a fim de que os vários países comesçassem a se conhecer. Para organizar o número dedicado ao Brasil, o musicólogo foi trazido ao Rio de Janeiro por Villa Lobos.

A história fez a sua aparição

Acabou sendo excepcional o trabalho realizado por Curt Lange dentro da vastidão americana, com o levantamento do mapa geral de culturas pouco conhecidas e de indiscutível valor. Mas no Brasil é que aconteceria o fato milagroso. Aqui é que ele viveria a sua grande emoção. Atraído por Juscelino Kubitschek para Minas Gerais, o erudito versado em música antiga veria a roda da história girar a seu favor: Ao tempo em que descortinava para nós um passado do qual éramos ignorantes, acrescentando-nos nada menos de 100 anos de memória musical, ele tomava conhecimento de outra descompensação de nível técnico verificada no continente. No século XVIII, com prolongamento pelo XIX, no Brasil houve produção musical de padrão comparável ao estabelecido seja por Haydn, seja por Mozart - criadores que estiveram no topo do mundo, no mesmo período.

A intuição que levou o musicólogo à grande descoberta, desconcertando os especialistas nacionais, não passou de ovo de Colombo. Seu faro de pesquisador percebeu, era inconcebível que a província mineradora, que atingira desenvolvimento incomum na arquitetura, na escultura, na talha, na pintura, na literatura, não tivesse produzido também música. A tradição portuguesa na área não justificava o vazio que os estudiosos locais insistiam em afirmar.

Descompasso com o tempo

As autoridades brasileiras da época não foram capazes de entender a significação da descoberta de Curt Lange e, devido às circunstâncias, esse fato acabaria gerando inesperada crise. O musicólogo havia encontrado em Minas Gerais situação de total desmando. Papéis musicais sendo queimados por viúvas de maestros que desejavam se livrar de entulho em casa, papéis sendo usados na fabricação de foguetes por pessoas que aproveitavam a consistência encorpada deles, papéis sendo usados para o embrulho de carne em açougue. A inconsciência a respeito parecia absoluta e ele compreendeu que, se alguma providência urgente não fosse tomada, aqueles documentos fatalmente desapareceriam. Todas as gestões que realizou no sentido da criação de um serviço que pudesse recolher o materi-

al, processá-lo tecnicamente e trabalhar para a sua difusão, deram em nada. Contribuía para esse resultado a campanha de descrédito movida pela ciumeira de especialistas da área apanhados no contrapé pelas revelações daquele estrangeiro, que viera para colocar em novos termos a realidade musical brasileira. Propalava-se que a descoberta carecia de significação verdadeira. Para alguns, Curt Lange não passava de pessoa pouco confiável, que andava inventando aquela rumorosa história. Ele, na atualidade, e não os mineiros, no passado, havia composto as músicas.

Hostilizado a esse ponto e temeroso de que pudessem desaparecer os comprovantes da sua descoberta, num ato de determinação o pesquisador reuniu tudo o que podia para completar o que comprara, graças ao financiamento de um amigo uruguaio, e partiu com volumoso arquivo para o exterior: O mundo então veio abaixo. A nossa intelectualidade - de músicos ou não - declarou-lhe guerra.

Curt Lange foi acusado de haver saqueado o patrimônio nacional, apropriando-se de documentação fundamental que nos pertencia. O resultado feroz dessa campanha pude presenciar, certo dia, na Casa dos Artistas, em Ouro Preto, onde o ilustre homem achava-se hospedado. Encurralado por jornalistas da grande imprensa, televisão e rádio, ele estava tendo que responder a perguntas que não passavam de insultuosa cobrança. Dias depois, seria vítima da esquizofrenia que o levou ao Hospital das Clínicas, em Belo Horizonte.

Descoberta que Ter



Musicólogo em Ação

A contribuição de Curt Lange para a cultura brasileira não ficaria limitada à pesquisa. Feita a comunicação oficial da sua descoberta, valendo-se de contatos pessoais ele se colocou na linha de frente de uma campanha mundial de difusão dos compositores e das obras. Deu cursos nos Estados Unidos, na Argentina e na Europa, realizou dezenas de conferências, restaurou partituras, copiou manualmente o material necessário aos concertos que iam tendo lugar. A apresentação mais cheia de significação e simbolismo aconteceria em Viena, na catedral de *Salzburg*, o santuário em que atuaram Joseph Haydn e Wolfgang Amadeus Mozart, dois gênios que tiveram muito a ver com os nossos compositores.

Na década de 50, reconhecendo a importância do esforço desenvolvido por Francisco Curt Lange, a UNESCO se dispôs a financiar a continuidade das pesquisas. Como entendia que o trabalho de campo estava terminado - seria inútil prosseguir na caça a arquivos extraviados, que nada de novo podiam revelar - o musicólogo aproveitou a oportunidade para redirecionar o trabalho de campo, dedicando-se ao levantamento de dados para escrever a *História da Música Colonial Brasileira*. Anunciou obra monumental, de onze volumes. A idade avançada - depois a morte - nos privaria de conhecer a totalidade desse projeto. Apenas quatro tomos chegaram a ser publicados.

minou em Criação



CORTESIA DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFMG

O Destino nos favoreceu

O Museu da Inconfidência teve a chance de vir a ser o depositário do valioso patrimônio. A indignação da intelectualidade teve o condão de sensibilizar autoridades e instituições culturais para a questão do arquivo que permanecia em depósito no Instituto Interamericano de Musicologia, em Montevideu. Diversas propostas de compra surgiram. Afeito ao cultivo da música, marido de cantora lírica, Clóvis Salgado, Ministro de Educação - ele acabava justamente de promover concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira para apresentação dos mineiros no Teatro Municipal do Rio de Janeiro - imaginou que o arquivo da Escola Nacional de Música seria adequado para acolher a coleção. Curt Lange vistoriou o local e disse não. Acompanhando aquela proposta, não existia o propósito de se criar um serviço voltado para a valorização das músicas.

Quando o pesquisador recebeu ataques no plenário do Conselho Nacional de Cultura, cujo resultado foi a agressão da imprensa em Ouro Preto, fizemos em sua defesa dois números especiais do Suplemento Literário do Minas Gerais. A amizade que daí nasceu nos permitiu apresentar, ao assumir a direção do Museu da Inconfidência, mais uma proposta para o repatriamento das músicas. Àquela altura, Curt Lange envelhecera e se angustiava com as repetidas ofertas insatisfatórias recebidas. Já temia pelo destino dos papéis que há mais de trinta anos o acompanhavam. Viu com bons olhos a possibilidade do retorno da documentação às suas origens, para ser incorporada a um órgão cultural que conhecia. Demonstrando respeito pela nossa instituição, mostrou-se mais incisivo do que se poderia esperar. Declarou, por escrito, que uma das condições para o acordo com ele seria um compromisso que garantisse, do Museu da Inconfidência a coleção jamais poderia sair.

O que estamos realizando

A descoberta de Francisco Curt Lange abriu nova perspectiva para a história da música no Brasil. E na verdade o pesquisador acabou se revelando como verdadeiro campeão na batalha de passar para o mundo a contribuição dos mineiros. Nesse sentido, ele foi também criador.

Sob a coordenação do professor Régis Duprat, que teve nos primeiros tempos a ajuda do maestro Carlos Alberto Baltazar e Conceição Rezende, e agora conta com a da musicóloga Mary Ângela Biazon - além de contribuições ocasionais de Aldo Luiz Leoni e Paulo Augusto Soares - o trabalho de valorização do espólio musical de Francisco Curt Lange vai aos poucos ganhando vulto.

Em coedição com a Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, aparecerá proximamente o terceiro volume do catálogo *Acervo de Manuscritos Musicais-Coleção Francisco Curt Lange*, dedicado aos anônimos, e está em fase de preparação o terceiro volume da coleção *Música do Brasil Colonial*, de partituras restauradas, que vem sendo publicada em parceria com a editora da Universidade de São Paulo-EDUSP. Como sempre, as músicas que integram o volume serão objeto de concerto sinfônico e lançamento de CD. A partir de junho, todo o arquivo, inclusive com *incipits* sonoros, estará progressivamente sendo disponibilizado pela Internet.

Além da catalogação e transcrição musicológica, outro universo de estudo pode ser aberto com relação a um acervo de manuscritos musicais, quando a atenção da pesquisa é direcionada para o suporte de escrita.

Na época colonial, o papel vinha importado da Europa e, entre os vários tipos, os que mais convinham ao trabalho da música eram os espessos, resistentes à constante manipulação. Ficava garantida, por essa forma, a disponibilidade de repertório para as ocasiões em que os profissionais eram solicitados. Entretanto, pode-se encontrar muita música em papel comum, o que indica na escolha a interferência de outros fatores, como a distribuição, o custo e a facilidade de ser encontrado.

Diferentemente da música publicada, em que as cópias de uma edição são iguais, os manuscritos, documentos únicos, possuem singularidade que os identificam. Através do papel, da tinta e do tipo de caligrafia, pode-se comprovar a época em que foram escritos. Por outro lado, marcas físicas indiciam o tipo de uso que tiveram. Por exemplo, nas obras destinadas aos ofícios litúrgicos, como novenas e procissões, é comum aparecerem pingos de cera. Nas partes destinadas aos cantores o que se nota, na margem inferior, são marcas escuras deixadas pelo manuseio constante. As partes do repertório de banda, sempre corroídas na margem superior, documentam a prática seguida até hoje, de os instrumentistas as prenderem, para leitura, nas costas do companheiro da frente. Muito raramente são encontrados manuscritos intactos, sem qualquer marca.

Evidentemente o manuscrito mais cobiçado pelo musicólogo é a cópia autógrafa. A identificação da assinatura pode ser feita pelo confronto da caligrafia com a de outros documentos em que o compositor tenha escrito ou assinado de próprio punho. A análise do papel, da tinta e da pena também permite detectar a mudança da caligrafia do compositor e até a interpolação de uma caligrafia estranha. Importante é o exame de possíveis lembretes registrados. São elementos que podem levar a muitas outras conclusões.

Em acervos nacionais catalogados, existem exemplos onde se pode estudar um compositor através de sua produção autógrafa. São eles os de André da Silva

Gomes (1752-1844), mestre-de-capela da Sé de São Paulo, padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), músico da Capela Real de D. João VI no Rio de Janeiro, e Antônio Carlos Gomes (1836-1896). Neste último, tornou-se possível inclusive acompanhar sua caligrafia musical desde a infância, a partir de músicas que copiava para a orquestra do pai, em Campinas.

A Coleção Francisco Curt Lange, depositada no Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência, é um bom exemplo para o estudo do suporte de escrita de música usado no Brasil, nomeadamente em Minas Gerais. Nas pesquisas em que recolheu acervo pelas cidades mineiras, Lange juntou todo tipo de papel, usado desde fins do século XVIII até o início do XX.

As marcas-d'água aí encontradas confirmam a sua procedência. Muitos papéis são italianos, mas existem outros, ingleses e holandeses.

Pesquisando outras marcas, como o selo branco, em documentos datados da segunda metade do século XIX, já se pode observar a existência de casas brasileiras de comércio de artigos musicais. As cariocas Filipone e Arthur Napoleão, as paulistas Levy e Bevilacqua, e as francesas Lard 7 Esnau e Gotrot Ainè. Proprietários do material também deixavam suas marcas, em forma de carimbos, - como Joviano Augusto Leão, Vicente Ferreira do Espírito Santo e Justino da Conceição, todos atuantes no final do século XIX - e também corporações musicais, Senhor Bom Jesus de Matosinhos e Sociedade Musical Sabarense, entre outras.

Tão importante quanto as marcas de papel e os elementos indicadores de comerciante, de proprietário, ou do copista, são as observações deixadas pelos músicos. As mais interessantes são os avisos de virada de página, os lembretes marcando ensaios, se referindo a empréstimo de partes para cópia ou relatando sobre a festa em que o músico tocou.

Por todo o século XVIII e XIX, os músicos copiaram a partir de originais autógrafos ou mesmo já de novas cópias, expandindo assim a música para várias regiões brasileiras. Estes testemunhos paralelos à obra musical ao leigo parecem desimportantes, mas hoje constituem elos significativos para a história da música brasileira.

O papel de música

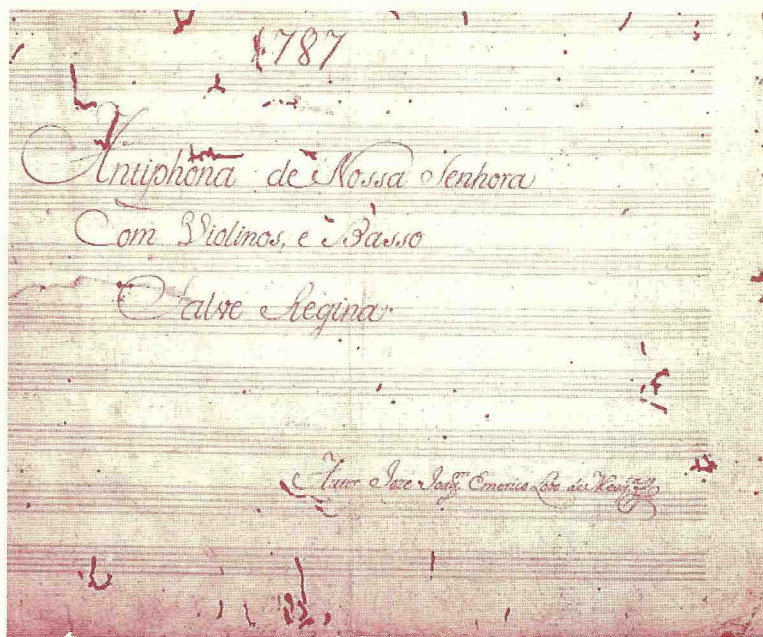
Ele não deixou a cena

Quando encontrar a *Antífona de Nossa Senhora* - a primeira descoberta importante e até hoje a mais significativa - Francisco Curt Lange restaria com um enigma nas mãos. A assinatura indicava que José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita era o autor. De quem se tratava? As características gerais do nome estavam a sugerir possível origem nobiliárquica. A obra devia ser portuguesa, embora do outro lado do Atlântico também fosse desconhecida.

Anos depois o pesquisador ficaria sabendo, Lobo de Mesquita nascera em Minas Gerais, mais precisamente no Serro, era mulato e atuou ao longo da vida entre Diamantina, Ouro Preto e Rio de Janeiro.

Organista e compositor, ligou-se, em Ouro Preto e no Rio, à Ordem do Carmo. Talvez tenha sido o mais prolífico dos compositores do período colonial. O conjunto de trabalhos que deixou é numeroso, forte e consistente. Somado ao que se perdeu, segundo avaliação de Curt Lange, pode-se admitir que a sua fecundidade se comparou à de grandes criadores internacionais.

Estilisticamente, Lobo de Mesquita evoluiu do barroco para o neoclássico, talvez por influência do meio artístico ouropretano, na primeira escala realizada antes da sua ida para o Rio, onde faleceria em 1805. Foi



ACERVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

compositor que realizou a transição entre duas concepções de mundo, duas sensibilidades constituindo-se, não sem razão, no vulto de maior destaque entre os criadores do período. Sua música gozou de popularidade incontestada e continuava sobrevivendo na região de São João Del Rei - embora um tanto sufocada, na verdade incompreendida - quando Curt Lange realizava as suas pesquisas.

O QUE DISSERAM SOBRE NÓS

Parabéns pelas publicações, especialmente *Oficina do Inconfidência*, que vem trazer gabarito ao nosso material histórico disponível, e é de fino acabamento.

PAULO AUGUSTO DE LIMA
ESCRITOR

Tenho recebido regularmente o informativo *Isto é Inconfidência*. Sensibilizada pelo nº 5, "O Gênio que Minas Gerais Importou", fiquei comovida com a riqueza dos textos. Lindo o trabalho de vocês. Continuem se dedicando a nossa arte e história de Minas. Parabéns a você e toda a equipe.

SANDRA MARIA TARANTO GALHARDO
COORDENADORA DA PINACOTECA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA

Agradecendo-lhe pela remessa da *Oficina da Inconfidência*, acrescida da publicação relativa à-quele episódio marcante da vida nacional. Cumprimento-o pelo trabalho.

ARISTOTELES ATHENIENSE
ADVOGADO

Tenho a grata satisfação de acusar o recebimento e agradecer o envio dos exemplares de *Oficina do Inconfidência-Revista de Trabalho*. Gostaria de parabenizá-lo pelo excelente conteúdo e qualidade da publicação.

JORGE WERTHEIN
REPRESENTANTE DA UNESCO NO BRASIL

É gratificante constatar que a *Inconfidência Mineira*, em sua grandeza de episódio histórico ímpar, está viva nas páginas desse magnífico informativo que nosso querido Museu edita. Para nós, pesquisadores, é uma referência bibliográfica fundamental.

SÉRGIO AMARAL SILVA
JORNALISTA E PESQUISADOR

Agradeço o envio de *Oficina do Inconfidência* e do *Isto é*. Parabéns pelo belo trabalho.

GLAURA LUCAS E RAFAEL ANDERSON
MÚSICOS

Fico felicíssima ao receber notícias do Museu, que tanto admiro e que por muitas vezes pude rever. Gostei bastante da matéria sobre meu bom e velho amigo Ciríaco, que trabalha no Setor de Restauração do Museu. Possuo vários santos feitos por ele e me orgulho de vê-lo crescendo como merece. Deus o premiou com o talento do manuseio do canivete, criando um bonito trabalho.

ELIZABETH LEITE RODRIGUES DE OLIVEIRA
ESTUDIOSA DA ARTE

Antológico o artigo sobre a "longa caminhada", no *Isto é Inconfidência*, bem respaldado pelo editorial, do mesmo quilate.

Ele ensina como transmitir, em linguagem simples, direta, elegante, a lenta e pertinaz evolução do conhecimento histórico, nesses dias expostos, em relação à conjuntura mineira, à histeria da notoriedade fácil.

O texto impressionou-me pela feição didática, elevação de vistas e densidade ética, em composição sutil, elaborada com apuro.

VIRGÍLIO HORÁCIO DE CASTRO VEADO
JORNALISTA

Recebi o *Isto é Inconfidência*, com a notícia da publicação desse XI volume dos "Autos da Devassa da Inconfidência", o excelente editorial e "A Longa Caminhada Após o Sequestro". Cumprimento-o pela edição deste nº 6 de *Isto é*, tão inteligentemente dirigido e editado.

AFFONSO HELIODORO DOS SANTOS
PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO DISTRITO FEDERAL

Recebemos *Oficina do Inconfidência*. Afirmamos nosso interesse em continuar recebendo a publicação.

REGINA OLIVEIRA
SETOR DE PERIÓDICOS DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO
JOÃO PINHEIRO

Só um profissional da palavra impressa, que aspira à perenidade nas páginas do livro, cuidaria da memória escrita da casa que dirige. E como não vive atrás do espelho, sabe que museu não é sarcófago, mas a alma do lugar onde pontifica. Parabéns. E... adelante, siempre adelante, como diria o nosso Unamuno.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ
PROFESSORA E ESCRITORA

Inconfidência em Questão

Tivemos pelos jornais um debate político sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira. Foi político não apenas porque dele participaram o governador do Estado, o presidente da Câmara Federal e um dos líderes do PT. Não pudemos ter acesso ao livro *Sociedade e Cultura Brasileira*, de Marco Antônio Villa, cujos exemplares foram recolhidos em Minas Gerais, mas pelo que a imprensa noticiou, a colocação feita pelo professor da Universidade de São Carlos não passou de provocação com firme propósito de gerar debate. Em duas páginas ele liquidou com um dos poucos heróis brasileiros e transferiu para o terreno da caricatura o episódio máximo da nossa história, precursor da independência. Além disso, para sustentar seu ponto de vista, torceu o quanto pôde o pensamento de Kenneth Maxwel. Um estudioso que põe de lado a preocupação séria com a análise e a documentação e parte para o vale tudo das afirmações gratuitas, está fazendo o quê, senão política?

Sobre o Barroco

O livro *Barroco - do Quadrado à Elipse*, de Affonso Romano de Sant'Anna, entra na discussão desse estilo artístico-social, querendo estabelecer uma linha revisionista nos estudos que sobre a matéria têm sido feitos, principalmente em países latino-americanos. Ele procura reinserir o barroco na tradição européia, não vendo nele nenhum elemento de resistência à dominação cultural dos antigos colonizadores.

Outra novidade trazida por Affonso é a ênfase que dá à pesquisa do racional - mesmo da matemática - nas produções dos séculos XVI e XVII, mostrando a

convivência desse elemento com o outro lado de movimento, de curvas espirais, elipses - da invenção sensorial livre. João Cabral de Mello Neto para ele é poeta barroco conceitista, um engenheiro da palavra que usou a matemática sem fugir da pesada tradição que nos marcou a todos com uma maneira particular e intemporal de ver o mundo.

Trânsito

Carlos Henrique Heck, presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que no dia 14 de dezembro realizou a primeira visita oficial ao Museu, para contato com os funcionários, ficou assustado com o trânsito em duas mãos, cada vez mais intenso e mais pesado, na Rua Vereador Antônio Pereira, entre o prédio da Casa de Câmara e Cadeia e os Anexos I e II. A sua surpresa se tornou maior quando foi informado de que aquele espaço, aberto como via pública na administração do prefeito Genival Ramalho, de acordo com a escritura existente, sempre foi de propriedade do Inconfidência.

Viagem a Lisboa

A musicóloga Mary Ângela Biazon, do setor de Musicologia, participou do I Colóquio Internacional *Música no Brasil Colonial*, em Lisboa, substituindo Régis Duprat que, submetido a pequena cirurgia, não se encontrava em condições de viajar.

Sacrifício Temporário

As atividades da Sala Manoel da Costa Athaide tiveram que ser interrompidas, por período que se espera não venha a ultrapassar o primeiro semestre. Depois que as dependências do Anexo II foram

esvaziadas e demolidas, para dar lugar à nova construção que abrigará a administração do Museu, no espaço se instalou o laboratório de restauração.

Outro setor temporariamente prejudicado é a Sala do Rosário, no edifício principal, onde já funcionam o Setor de Museologia e o comando da difusão cultural. O vestíbulo e a sala de equipamentos de projeção do auditório acham-se também ocupados por funcionários, mas o setor não será desativado, para que o Museu não tenha totalmente interrompido as suas atividades de atendimento à comunidade. No Anexo I, outro segmento não afetado foi o da Reserva Técnica. Ela continuará funcionando, mas com acesso pelo jardim.

Casa Colonial

Os descendentes de Rodrigo Mello Franco de Andrade estariam dispostos a vender a casa que o organizador e primeiro presidente do Patrimônio deixou em Ouro Preto, à Rua Conde de Bobadela. Restaurado e acrescido de dois apartamentos nos fundos do terreno por Lúcio Costa, o imóvel possui pintura de Marília de Dirceu, de autoria de Guignard, em uma parede e encontra-se mobiliado por peças de qualidade, que puderam ser adquiridas por Rodrigo e Graciema, nos bons tempos dos anos quarenta. O Museu da Inconfidência está fazendo todo empenho para ver esse patrimônio a ele incorporado. O objetivo seria poder oferecer à visitação pública mais uma unidade: o Museu Graciema-Rodrigo, que reforçado por acervo que a instituição da Praça Tiradentes possui, se converteria em exemplar altamente sofisticado de residência colonial mineira.